CIÊNCIA HOJE das crianças

SBPC
INSTITUTO CIÊNCIA HOJE
REVISTA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA PARA CRIANÇAS
ANO 21 / Nº 190/ RS 7,60
MAIO DE 2008

A RAINHA ERA MESMO LOUCA?

200 anos da chegada da família real ao Brasil

Por que D. João tinha fama de guloso?

Quem sabe o que faziam os naturalistas?

Histórias em quadrinhos

Cartazes de bichos para colecionar

Jogos

Experimentos

Dicas de livros e de *sites*

E, ainda, textos divertidos para quem gosta de aprender brincando!

Tudo isso está na revista Ciência Hoje das Crianças!

Assine

0800-7278999

www.ciencia.org.br

CIÊNCIA HOJE das crianças

190 • Maio de 2008

Em duzentos anos muita coisa pode acontecer. Mas você saberia dizer o que acontecia no Brasil em 1808? A capa da revista já é uma grande pista: há dois séculos aportou em nossas terras a Família Real portuguesa. O Rei D. João VI veio acompanhado de sua mãe, D. Maria, de sua esposa, Carlota Joaquina, e de seu filho, Pedro. Todos esses personagens você vai conhecer mais de perto nas páginas desta edição especial da *CHC*. Confira o perfil de cada um deles, as condições que os trouxeram ao Brasil e muitas outras curiosidades de um tempo de muita pompa, mas de hábitos de higiene bastante controversos... Informe-se e divirta-se!

2 **Da chegada à partida da Família Real:** razões que trouxeram e levaram de volta a corte portuguesa.

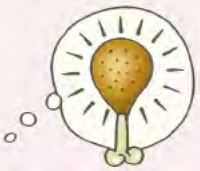
7 **Você sabia** que o dinheiro colonial mal cabia na carteira?

8 **Quem é quem na Família Real:** o perfil da realeza.

12 **Conto:** *O piolho viajante.*

14 **Isso aqui ôô...:** hábitos e costumes no tempo do Brasil colonial.

19 **Por que** D. João VI tinha fama de guloso?



20 **Atividade:** D. Maria merecia ou não a fama de louca?

22 **Quando crescer, vou ser...** Naturalista!

24 **Bate-Papo**

26 **Jogo:** desafios luso-brasileiros.

28 **Como funciona** o astrolábio & **Cartas.**

Da chegada à partida da Família Real

Museu Imperial/IPHAN/Ministério da Cultura

Janeiro de 1808. Após uma longa travessia marítima, a Família Real portuguesa e sua comitiva finalmente chegavam ao Brasil. Sua vinda foi o ponto de partida para grandes mudanças políticas e econômicas, mas... Por que isso aconteceu? O que fez o Príncipe Regente, D. João, deixar Portugal e estabelecer sua Corte no Rio de Janeiro? E, por fim, o que o fez retornar ao seu país?

Para responder a essas perguntas, é necessário voltar no tempo, chegando até os primeiros anos do chamado período napoleônico (1799-1815), quando Napoleão Bonaparte governou a França. Jovem e audacioso, ele estava decidido a ampliar seus domínios e conquistar toda a Europa, mas encontrou na Inglaterra um adversário à sua altura. Os franceses perderam uma batalha para os ingleses e Napoleão tomou providências. Em 1806, decretou o "Bloqueio Continental", para impedir a entrada dos produtos da indústria inglesa nos mercados europeus, e, assim, enfraquecer a economia da Inglaterra. Mas aí...

As principais vias de entrada das mercadorias na Europa eram três: os portos suecos, os dinamarqueses e os portugueses. Para cumprir seu objetivo, Napoleão pretendia bloquear todos e apreender os navios dos três países. A Inglaterra, porém, não tardou a reagir: deixando de lado a Suécia, cuja esquadra era muito pequena, enviou à Dinamarca muitos navios e, após vencer uma resistência inicial, se apossou da marinha e da capital do país, Copenhague. O alvo seguinte para a conquista era Portugal. Não possuindo força militar para resistir aos franceses ou aos ingleses, D. João, o Príncipe Regente, viu-se diante de um dilema: o que fazer para não perder a coroa e o próprio país?

Partida do Príncipe Regente D. João, de Portugal para o Brasil, em 27 de novembro de 1807.

pt.wikipedia.org

Napoleão Bonaparte.

Depois de muito pensar e negociar, D. João assinou a Convenção Secreta de Londres, em 22 de outubro de 1807, pela qual Portugal tornou-se praticamente dependente da Inglaterra. Entre vários compromissos firmados, o príncipe assumiu o de transferir a sede da monarquia portuguesa para o Brasil, contando com a proteção inglesa, caso a França cumprisse a ameaça de invasão do território português. Isso viria a acontecer um mês depois: em 19 de novembro, as tropas francesas entraram em Portugal.

Batendo em retirada

Os preparativos para a viagem da Família Real foram rapidamente intensificados, enquanto os membros da Corte, bem como outros súditos portugueses apavorados com a idéia da invasão, faziam de tudo para conseguir lugar num dos barcos. Por fim, no dia 29 de novembro de 1807, a esquadra composta por 23 navios de guerra e 31 mercantes deixou o cais de Lisboa. A bordo iam milhares de pessoas, além de preciosidades como o tesouro da Coroa, bens de várias igrejas e de particulares e documentos de Estado.

A viagem foi longa e desconfortável – as embarcações iam cheias demais, o vento nem sempre era favorável e houve até mesmo uma infestação de piolhos a bordo – mas, a 22 de janeiro de 1808, D. João pôde finalmente desembarcar em Salvador. Foi onde assinou um decreto da maior importância: a Carta de Abertura dos Portos, em 28 de janeiro de 1808, que permitia o comércio entre o Brasil e as nações amigas sem a intermediação de Portugal. Era o fim oficial do chamado "Pacto Colonial", segundo o qual os produtos das colônias só podiam ser negociados pelas metrópoles. O decreto teve um efeito desastroso sobre Portugal, ao mesmo tempo que favorecia a Inglaterra, na época a única "nação amiga" cujos produtos podiam entrar livremente no Brasil. Não fora à toa que a Convenção Secreta, no ano

Imagem cedida por Kenneth Light

A chegada da Família Real portuguesa ao Rio de Janeiro, retratada pelo pintor inglês Geoffrey Hunt. O artista baseou-se em informações de diários de bordo e até de cartas marítimas, fornecidas pelo pesquisador Kenneth Light, para retratar com perfeição os navios que trouxeram a Corte ao Brasil, além de sua localização exata às 15 horas do dia 7 de março de 1808.

Imagem do acervo do Projeto Portinari/Reprodução autorizada por João Candido Portinari
Candido Portinari – *Chegada de D. João VI à Bahia* – 1952 – Painel a óleo/tela – 381 X 580cm

Em 1952, o pintor brasileiro Candido Portinari retratou a chegada de D. João e sua Corte a Salvador.

Reprodução de *Aclamação do Rei D. João VI no Rio de Janeiro*, de Jean Baptiste Debret.

D. João VI foi aclamado rei no dia 6 de fevereiro de 1816.

anterior, previra um "tratado de auxílio e comércio" entre o governo português e a Grã-Bretanha.

No dia 26 de fevereiro, D. João deixou Salvador rumo ao seu destino final, o Rio de Janeiro, onde desembarcou a 8 de março de 1808. A cidade o recebeu com grandes festejos, mas por trás deles havia um problema urgente a ser resolvido: o de acomodar milhares de recém-chegados. Alguns moradores ofereceram suas casas de boa vontade, mas muitos foram forçados a cedê-las, e o preço dos aluguéis subiu às alturas em poucos meses. Por outro lado, havia o desafio de transformar uma cidade de proporções até então modestas, habitada em grande parte por escravos, num lugar capaz de abrigar a nova sede da Corte.

Obras de D. João

Muitas obras foram realizadas naqueles primeiros anos, quando também se criaram importantes instituições. Datam dessa época a Biblioteca Nacional, a Imprensa Régia, o Banco do Brasil, o Arsenal da Marinha e a Academia de Belas-Artes. Além disso, o governo aboliu a proibição da instalação de fábricas no Brasil – o que propiciou a criação de inúmeras indústrias e manufaturas – e criou leis que estimulavam o comércio e propiciavam o desenvolvimento urbano.

Enquanto isso, em Portugal, continuava a guerra com os franceses, que acabaram por se retirar definitivamente do país em 1811. Em 1814, concluiu-se um primeiro tratado de paz entre Portugal e França. No ano seguinte, embaixadores das grandes potências européias reuniram-se em Viena, capital da Áustria, para discutir o futuro da Europa e de suas colônias. Para os representantes de D. João participarem desse congresso foi necessário elevar o Brasil à categoria de reino unido a Portugal. Com a morte da Rainha D. Maria I a 26 de março de 1816, logo passaria a ser D. João VI, Rei do "Reino Unido de Portugal, do Brasil e de Algarves". No entanto, os portugueses, que já tinham experimentado a fuga da Família Real e passado por maus bocados durante a guerra, não ficaram satisfeitos com a notícia, para eles um indício de que a riqueza e os bons negócios continuariam a se concentrar cada vez mais no Brasil.

Reprodução de *Partida da rainha para tomar o navio real destinado a conduzir sua corte para Lisboa*, Jean Baptiste Debret.

No dia 21 de abril de 1821, a esposa de D. João VI, Carlota Joaquina, retornou a Lisboa com sua corte.

O retorno do rei

Com a derrota final dos franceses, o desejo dos portugueses de retomar o controle de seu país era muito forte. Liderada por comerciantes e militares, a Revolução do Porto, em 1820, derrubou o governo de Portugal – à frente do qual estava o irlandês Beresford – e iniciou uma série de reformas, como a elaboração de uma Constituição e o retorno de D. João VI a Lisboa. Vendo-se pressionado, o rei acabou por concordar em partir, o que fez no dia 26 de abril de 1821, acompanhado, segundo historiadores, por cerca de quatro mil pessoas. No Brasil, porém, ficou D. Pedro, o príncipe herdeiro, que, diante das várias crises e revoltas provocadas pelas tentativas de subordinação do Brasil a Portugal, acabou por proclamar a independência no dia 7 de setembro de 1822 e se tornar o primeiro imperador do país.

Vemos, assim, que a vinda da Família Real para o Brasil acelerou a sua independência política. Por outro lado, as coisas não mudaram no que diz respeito à economia – que ainda dependia bastante da Inglaterra – nem à sociedade, que continuou a se basear no trabalho escravo e a conviver com muitas desigualdades.

Reprodução de *Aclamação de D. Pedro I no Campo de Sant'Anna em 12 de outubro de 1822*.

D. João VI voltou a Portugal, mas deixou no Brasil seu filho Pedro. Em 1822, ele foi aclamado imperador.

Paulo Cavalcante,
Departamento de História,
UNIRIO.

VOCÊ SABIA QUE O DINHEIRO COLONIAL MAL CABIA NA CARTEIRA?

Ilustração Lula

Nem sempre o dinheiro foi assim do jeito que conhecemos hoje. Na época em que o Brasil era colônia de Portugal – o que começou no século 16 e foi até o início do século 19 –, produtos agrícolas e metais valiam como dinheiro. Com o tempo, o dinheiro foi mudando, sendo padronizado até, digamos, caber na carteira.

Veja só que curioso: para muitos historiadores a primeira moeda a circular no Brasil era doce, isso porque como o principal item de exportação do Brasil Colonial era o açúcar, passou a ser ele a principal moeda de troca nas negociações. Se você está pensando que em vez de levar notas e moedas na carteira as pessoas carregavam sacos e mais sacos de açúcar quando queriam comprar algo, acertou em cheio! Da mesma forma, o tabaco, o ouro e a prata também foram elementos de troca.

Paralelamente a esses produtos, circulavam algumas moedas semelhantes às que conhecemos hoje, mas eram artigo raro! Numa população formada, em sua maioria, por escravos e pessoas muito pobres, esse tipo de dinheiro se restringia aos mais nobres. Essas primeiras moedas a circular no Brasil Colônia eram prensadas na Capitania de São Vicente – região onde hoje fica a cidade de Santos, no estado de São Paulo. Elas eram feitas de ouro e chamadas de são-vicentes e meio são-vicentes.

Com a chegada da Família Real portuguesa, em 1808, a procura por moedas aumentou. Isso porque toda a Corte veio para a colônia, principalmente para o Rio de Janeiro, que se tornou a sede do governo português. D. João VI, o rei, autorizou a confecção do dinheiro real – feito em ouro, prata e cobre, de formato circular e em tamanhos variados. As moedas mais valiosas eram as de ouro e prata; as de cobre, de menor valor, eram usadas na compra de miudezas.

Mais tarde, o papel-moeda também foi emitido, o que resultou na fundação do Banco do Brasil, que existe até hoje e é o primeiro banco do país. O dinheiro de papel era, na verdade, uma espécie de bilhete no qual se podia escrever a quantia e assinar, como na folha de cheque atual. E foi assim que o dinheiro começou a caber na carteira...

Carlos Gabriel Guimarães,
Departamento de História,
Universidade Federal Fluminense.

Quem é quem na Família Real

Dizem por aí que família é tudo igual, só muda o endereço. Será? Verdade ou mentira, que tal conhecer melhor cada um dos membros da Família Real portuguesa?

Ilustração Mariana Massarani

Rainha sim. Louca...

Ela entrou para a história como D. Maria, a Louca. Mas sabia que, hoje, é difícil dizer se essa soberana realmente sofria de uma doença mental e que moléstia seria essa? Se você colocar em prática a atividade *A rainha vai ao tribunal*, proposta nesta edição, terá uma noção das dificuldades dos historiadores em chegar a uma conclusão, já que há diversas versões sobre a suposta loucura de D. Maria.

Há algo certo, porém, sobre essa rainha, que governou Portugal de 1777 a 1792 e era mãe de D. João VI: em 1808, quando a Família Real chegou ao Brasil, já fazia anos que ela não saía do quarto. Na hora do embarque para a colônia, aliás, quem veio trazendo-a pelas mãos foi Pedro, seu neto, futuro D. Pedro I, então com nove anos. Dizem até que foi nesse momento que a monarca falou: "Não andem tão depressa, assim vão pensar que estamos fugindo." Mas se essa história é verdadeira, não dá para afirmar.

O que não se pode negar, porém, é que D. Maria era muito religiosa – tanto que era conhecida também como "A pia" – e sofreu muito com a morte, por varíola, de seu filho mais velho, José, aos 27 anos. Tinha muito medo também que uma revolução, como a que havia ocorrido na França em 1789, acontecesse em Portugal. Em território francês, monarcas haviam perdido seu poder e, muitas vezes, também a vida na guilhotina. Tudo isso em uma nação vizinha a Portugal e há pouquíssimos anos, na época.

Considerada muito formosa na juventude, D. Maria foi uma governante conservadora. Seu período no poder, por exemplo, ficou conhecido como "viradeira", já que significou um retrocesso em diversos avanços realizados pelo rei anterior, D. José I. Para você ter uma idéia, foi D. Maria quem proibiu indústrias no Brasil, para evitar o desenvolvimento da colônia. Quando chegou aqui, porém, já estava afastada do poder.

No Rio de Janeiro, D. Maria viveu no Convento das Carmelitas e seu quarto ainda existe como uma sala de uma universidade que hoje ocupa o prédio. Ali a soberana permaneceu, sempre no escuro, por boa parte do tempo até falecer, em 1816.

Reprodução de *D. Maria I coroada rainha de Portugal.*

D. Maria I, rainha de Portugal.

Você sabia?

D. Maria casou-se com um de seus tios, algo comum na época: a nobreza casava-se entre si para manter a família dentro dos mesmos laços e não ter de dividir o poder e a coroa. Dizem, porém, que ela não tinha outro pretendente e não queria casar-se. Será?

Rei por acaso

Se José, o filho mais velho de D. Maria, não tivesse morrido, aos 27 anos, de varíola, provavelmente D. João VI não teria papel tão importante em nossa história. Isso porque ele não se tornaria rei, já que não era o primogênito (o filho que nasceu primeiro) da Família Real portuguesa. Mas a morte de José aconteceu e pegou todos de surpresa – até D. João, que não havia sido criado para ser rei e teve de se tornar, em 1792, príncipe regente e, a seguir, assumir o trono, algo que não queria.

Não é para menos: a época em que tudo isso aconteceu era das mais complicadas na Europa. Em 1789 – três anos antes de D. João assumir o poder –, havia ocorrido a Revolução Francesa e se espalhava o medo de que o

Reprodução de *Retrato de D. João VI*, Jean Baptiste Debret.

D. João não queria assumir o trono português.

mesmo acontecesse em Portugal. Além disso, D. João não tinha perfil para ser rei: não havia sido educado com esse propósito e também não possuía características pessoais necessárias para ocupar essa posição, como liderança. Apesar disso, a fama de rei bobalhão e glutão não corresponde à realidade: é mais uma imagem construída por seus inimigos políticos (leia, nesta edição, *Por que D. João tinha fama de guloso?*).

Da mesma forma, não é bem verdade que a idéia de transferir a corte portuguesa para o Brasil tenha sido do monarca. Na realidade, essa possibilidade já era cogitada por volta de 1762, uma vez que o Brasil era a colônia mais rica e Portugal convivia com o problema de ser facilmente invadido por outras nações, por sua posição geográfica. Ao contrário de outras nações, Portugal não tinha outra opção, em caso de embate, senão recuar em direção ao mar.

Museu Imperial/IPHAN/Ministério da Cultura

Retrato do príncipe regente D. João, feito pelo pintor Domingos Antonio de Sequeira, em 1803.

Mas se não foi o dono da idéia de trazer a Família Real portuguesa para o Brasil, aqui, D. João VI, por outro lado, tomou decisões muito importantes. Foi ele, por exemplo, quem abriu os portos do país para as nações amigas e criou instituições fundamentais para a nossa nação, como o Banco do Brasil, a Biblioteca Nacional, a Faculdade de Medicina etc. Também agiu de maneira bastante simpática ao desembarcar em Salvador. Ao receber, a bordo do navio que o trouxe de Portugal, o governador local, o rei perguntou: "Não veio ninguém da Terra?" Diante da negativa, retrucou: "Deixe o povo vir como quiser."

Casada aos dez anos de idade

D. João VI veio ao Brasil acompanhado de sua esposa, Carlota Joaquina, e de seu filho, Pedro. Carlota era a filha mais velha do rei Carlos IV da Espanha e se casou com o filho da rainha de Portugal quando tinha apenas dez anos de idade. Cedo, não é mesmo? Pois, na época, era algo comum, já que os casamentos não eram feitos por amor, mas por convenções políticas, muitas vezes para unir nações, garantindo-se, assim, que uma não agredisse a outra. Nesse cenário, a noiva era prometida ao noivo (e vice-versa) ainda criança.

O casamento de D. João VI e Carlota Joaquina, porém, não era dos mais felizes. Embora tenham tido nove filhos, eles não se davam bem. Carlota Joaquina, por exemplo, envolveu-se em duas conspirações contra o seu marido. Também não era uma mulher das mais bonitas e detestava, realmente, o Brasil, como dizem os boatos. Apesar disso, não era uma pessoa totalmente má, sem

Reprodução de *Rainha Carlota Joaquina*, Jean Baptiste Debret.

Carlota Joaquina.

qualidades, como filmes, páginas na internet e alguns livros podem levar a crer. Alguns historiadores, por exemplo, a descrevem como uma mulher muito inteligente e popular entre a população da época. A essa descrição, podemos adicionar uma outra qualidade: a lealdade a seu país de origem. Carlota Joaquina teve atuação política importante, mantendo informados os espanhóis sobre tudo o que acontecia em Portugal. Dizem até que, por essa razão, ela foi uma das últimas pessoas a serem avisadas da transferência da Corte para o Brasil.

Um pequeno príncipe no Brasil

Quando Pedro, filho de D. João VI, futuro D. Pedro I, chegou ao Brasil, tinha apenas 9 anos. Portanto, ele passou boa parte da infância e toda a juventude em território brasileiro. Apesar disso, não se sabe muito sobre esse período de sua vida, por falta de registros. De qualquer forma, o que é possível dizer é que D. Pedro I, da mesma forma que seu pai, não era o filho primogênito e, portanto, a princípio, não herdaria o trono de Portugal. Porém, como seu irmão mais velho, Francisco, faleceu, ele assumiu esse papel, sendo, porém, educado para a tarefa, ao contrário do que ocorreu com D. João. Apesar disso, D. Pedro I não recebeu uma educação formal esmerada, algo que ficou ainda mais evidente quando se casou com a princesa austríaca Leopoldina, em 1817, uma pessoa que sabia falar várias línguas e tinha interesses que iam da música à geologia. Dono de uma personalidade impetuosa, D. Pedro I também era mal visto pela população e por seus oponentes. Isso porque suas ligações com Portugal eram consideradas suspeitas, como se D. Pedro I pudesse privilegiar os interesses portugueses em vez dos brasileiros. Apesar disso, era um homem que tomava decisões rápidas e apaixonadas, que sofria de epilepsia – doença que se manifesta por crises de inconsciência, acompanhadas de convulsões. Antes de completar 18 anos, ele já tinha sofrido seis crises, segundo alguns historiadores. Isso nos mostra que mesmo os príncipes – assim como as pessoas sem qualquer título de nobreza – por vezes têm de conviver com situações delicadas de saúde, o que não impede que sejam determinadas no que desejam para as suas vidas. Foi D. Pedro I quem declarou a independência do Brasil em 1822 e governou a nossa nação por quase dez anos.

Reprodução de *Coroação de D. Pedro I*, Jean Baptiste Debret.

A cerimônia de coroação de D. Pedro I como imperador do Brasil, retratada pelo artista francês Jean Baptiste Debret.

Reprodução de *D. Pedro de Alcântara, Príncipe Real do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve*, de Jules Vauthier.

Quando chegou ao Brasil, o filho de D. João, Pedro, tinha apenas nove anos de idade.

Keila Grinberg,
Departamento de História,
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Baú de histórias

O piolho viajante

António Manuel Policarpo da Silva

Eu nasci lá para a Ásia. Nasci fora de tempo. Minha mãe esteve em perigo de vida, mas, mesmo assim, nasci, ainda que piolho, bastante grande e largo, tanto que muitas vezes me confundiam com um percevejo. Saí todo à minha mãe, principalmente nos olhos. A minha cor é cinzento-escura.

Esqueci de dizer que eu me chamo X. *Piolho* é um nome geral, assim como o de Homem, pois cada indivíduo tem o seu nome particular.

A primeira cabeça onde pus o pé e o dente foi a de um teimoso, mas um homem bom e meu benfeitor. Ele tinha a maior vaidade em dizer que tinha piolhos e que, por isso, não tinha quase cabelos. Quantas e quantas vezes, ele me pôs o dedo em cima, mas me deixava fugir e depois dizia: *Escapou-me por um triz; é incrível os piolhos que tenho.* No princípio, aquilo me assustava. Mas depois, conhecendo-lhe a mania, dormia sono solto.

Dividi a cabeça do homem em diferentes caminhos, mas atrás das orelhas e a nuca eram o meu forte. Também me divertia pelo colarinho da camisa, mas poucas vezes. Passados dias, o teimoso decidiu tentar criar cabelo, para isso, untava a cabeça com banha. Não é que deu certo o remédio? Porém, originou a desgraça de eu ter de passar a outra cabeça, como adiante direi.

Acontece que o teimoso vivia com uma teimosa e foi na cabeça dela que eu fui parar. A mulher criava galinhas e era tão viva que, não tendo galo, mesmo assim suas aves botavam ovos, de onde sempre nasciam pintos. Fazia coisas mirabolantes; até sabia nadar! Num dia de S. Martinho, a mulher resolveu que precisava ir ao cabeleireiro e convenceu o marido de levá-la. Eu estava dormindo, bem agasalhado entre a touca que ela usava e o cabelo, lugar que eu tinha escolhido para o descanso. Quando acordei, senti-me sem calor, saí da toca e qual foi a minha admiração quando me vi preso no pente. Fiquei aflitíssimo e, para maior desgraça, fiquei o resto do dia e da noite agarrado ali. Mas no outro dia, foi só o cabeleireiro pegar o pente e me pus na cabeça do dito-cujo.

Também não passei mal na cabeça do amigo cabeleireiro, pois que nele se verificava o ditado *"em casa de ferreiro, espeto de pau"*. Pouco se penteava. A cabeça parecia uma moita. Era verdadeiramente um mato bravo, cheio de muita bicharia. Já disse, não passei nada mal. Só precisava o cuidado de quando ele metia o pente na cabeça, pois era muito estabanado. No mais, não tenho de que me queixar, porque até passei uma vida alegre.

Aos domingos botava sobre aquela porcaria toda pós, banha, sebo etc. Então tinha eu o meu banquete, e os meus companheiros, apesar de que nunca me dei com piolho nenhum. Apenas com um piolho ruço que havia ali, que se chamava Adufe, na verdade, um piolho muito bem criado. Mas poucas vezes eu dormia naquela cabeça. Gostava mesmo era de dormir no pescoço.

Aos domingos, ele saía para dançar. Estando numa contradança, ao cruzar o par, esbarrou com uma senhora e deram tão grande cabeçada que eu, que tinha fugido para a raiz do cabelo da testa, por estar ali mais fresco, no choque que deram, caí para a cabeça da Dama. Ela sentiu a trombada e ficou com o local dolorido. Estava também desconfiada, pois todos riam do esbarrão. Não quis mais dançar, deu uma desculpa e foi pedir à madrinha, que tinha vindo com ela, para ir embora do baile. Eu fiz minhas tentativas de saltar ao chão, para voltar à antiga cabeça, mas como estava tudo em desordem, receei ser pisado e fui na cabeça da nova senhora (...).

Livre-adaptação de* O Piolho Viajante*, uma das obras portuguesas mais lidas no Brasil do século 19. A história, narrada por um piolho que viaja por 72 cabeças, ironiza os costumes da sociedade portuguesa. Lançada inicialmente em folhetos semanais anônimos, a obra veio a ser reunida em volumes em 1821, com autoria atribuída ao português António Manuel Policarpo da Silva. Muitas reedições tornaram a aventura popular, tanto em Portugal como no Brasil. Todos os capítulos desta história divertida podem ser conferidos na Internet:
http://www.unicamp.br/iel/memoria/MargensdoCanone/Piolho/index2.htm

Ilustração Ivan Zigg

Isso aqui ô ô
É um pouquinho
do Brasil Colonial iá iá

Almoçar logo ao acordar? Fazer xixi ou cocô em plena rua – e nem ficar preocupado com a possibilidade de alguém ver? Tomar banho um dia sim e outro talvez? Esses hábitos eram absolutamente comuns na época em que a Família Real portuguesa chegou ao Brasil. Hoje, eles nos parecem bastante curiosos. E quem não gosta de curiosidades?! Vamos, então, conhecer alguns aspectos do cotidiano do Brasil Colônia? Pule a linha e... Bem-vindo a 1808!

Ilustração César Lobo

No comecinho do século 19, quando D. João chegou ao Brasil com sua família, o dia dos habitantes da colônia portuguesa começava cedo, por volta das oito da manhã, com uma refeição chamada... Almoço. O jantar era servido lá pelas duas da tarde e, por volta das seis horas, tinha a ceia. Parece muito cedo para servir a última refeição do dia? Pois, lembre-se de que, naquela época, ainda não existia energia elétrica. Portanto, as atividades tinham de ser realizadas antes de a noite chegar, quando ainda havia luz.

Escravos e pessoas pobres (mestiços, ex-escravos e indivíduos vindos de Portugal) formavam a maior parte da população. Algo que não faltava em suas refeições era a farinha de mandioca – usada desde o início da colonização, por influência dos índios – e, também, a banana. Ambas eram consumidas tanto com alimentos doces quanto salgados. Um hábito, aliás, que permanece vivo até hoje entre muitos brasileiros, especialmente no Norte e no Nordeste!

No prato – de barro – da população pobre do Brasil colônia, também marcavam presença o peixe e a carne de caça, além de legumes como a abóbora ou raízes como o inhame, alimentos também presentes nos chamados curros, um tipo de tigela onde era servida a comida compartilhada por vários escravos ao mesmo tempo. Famílias mais abastadas serviam aos seus escravos também um tipo de carne salgada chamada charque, embora alguns grupos – principalmente os vindos do Congo – não gostassem de comê-la, já que não consumiam alimentos que levassem sal (leia *Sal, não!* e *Na companhia de amigos*).

As pessoas costumavam fazer as refeições agachadas, usando geralmente as mãos ou, então, colheres feitas de madeira de lei. Facas estavam sempre presentes e, como os pratos, as panelas eram feitas de barro. Talheres de metal – como garfos – só eram usados pelos mais ricos, que tiveram a oportunidade de estudar na Europa e, lá, conheceram as regras de boa educação à mesa. Mesmo assim, existiam em pouca quantidade nas casas: cerca de dois ou três – e olhe lá!

Reprodução de *Loja de Carne-Seca*, Jean Baptiste Debret.

Armazém de carne-seca.

Sal, não!

Alguns grupos de africanos recusavam-se a comer alimentos salgados. Eles preparavam alimentos temperados com pimenta e outros condimentos, mas não utilizavam sal. Segundo certos estudiosos, essa recusa estaria ligada ao fato de o sal marcar o início do período de escravidão dos africanos. Assim que chegavam ao Brasil, eles eram batizados, para tornarem-se cristãos. Durante a cerimônia, comiam sal.

Reprodução de *Um jantar brasileiro*, Jean Baptiste Debret.

Por volta de 1808, o uso de talheres de metal ou mesmo de mesas para fazer as refeições não era comum no Brasil. Isso só mudou – e apenas entre os mais ricos – com a chegada da Família Real portuguesa à colônia.

Ruas para lá de sujas

Desde o século 18, existiam, em Portugal, manuais de boas maneiras que ensinavam, por exemplo, como proceder à mesa: o que se poderia conversar durante as refeições, se era permitido arrotar ou não... Da mesma forma, livros desse tipo ensinavam que não era de bom tom tomar banho de corpo inteiro com freqüência: uma vez por mês já era suficiente. Enquanto o grande dia não chegava, a sugestão era limpar as partes mais íntimas do corpo usando uma toalha perfumada.

No Brasil, porém, o hábito de tomar banho freqüentemente

Isso só começou a mudar – e apenas entre os mais ricos – com a chegada da Família Real ao Brasil. Se, entre os mais pobres, não houve grandes alterações na maneira de se alimentar, entre os mais abastados, todos passaram a tentar comer com talheres, mais por uma questão de "ser de bom tom" do que por higiene. As refeições da elite também ficaram mais incrementadas a partir da criação, no Brasil, de casas comerciais comandadas por estrangeiros e, também, pela presença cada vez mais constante de representantes de firmas européias que vinham até aqui oferecer seus produtos. Azeite, bacalhau, manteiga e vinho, por exemplo, foram alguns alimentos que ganharam espaço.

Na companhia de amigos

Os alimentos que uma população consome e a maneira como age durante as refeições fazem parte da sua cultura e nos dão importantes informações sobre o seu jeito de viver. Veja o caso dos africanos que vieram para o Brasil. Para muitos grupos, comer era uma atividade necessária não apenas para manter o corpo vivo, mas, também, para alimentar o espírito. Existia, então, o hábito de comer junto com os amigos, compartilhando o alimento. Por isso, era comum ver vários africanos servindo-se, ao mesmo tempo, da comida de uma única tigela. Da mesma forma, havia alimentos considerados ideais para homens, para mulheres ou para crianças. Daí porque homens e mulheres também costumavam comer em grupos separados.

Paraíso dos piolhos

Eis aí algo que todo mundo tinha – e em grande quantidade – na época da chegada da Família Real portuguesa ao Brasil: piolho! Tudo por causa do clima quente e úmido local, além dos hábitos pouco asseados dos habitantes da colônia, que não lavavam os cabelos com freqüência. Para combater esses pequenos parasitas, porém, havia as escravas, que catavam a cabeça das suas senhoras, dando origem ao famoso cafuné e deixando estarrecidos muitos viajantes. Em seus relatos, alguns mostraram seu espanto pelo fato de as mulheres, no Brasil, se deixarem "acarinhar" pelas escravas e, nesse momento, "contarem seus segredos mais íntimos".

Reprodução de *Voto d'uma missa pedido como esmola*, Jean Baptiste Debret.

Reprodução de *Oficial da Corte indo ao Palácio*, Jean Baptiste Debret.

Na época da chegada da Família Real portuguesa ao Brasil, as pessoas, na colônia, usavam roupas bastante coloridas, como as da mulher, da escrava e do nobre retratadas nestas pinturas.

sempre esteve presente, desde o início da colonização, talvez pelo clima quente. E esse foi um costume que a Família Real teve de adotar, embora tenha resistido um pouco. Banhar-se com freqüência, saiba você, não significava tomar banho todo dia. Da mesma forma, em uma época em que não existia chuveiro como hoje – e nem banheiro nas residências! –, a maior parte da população tomava banho de rio. A outra opção era tomar banho em casa, dentro de uma bacia, usando um jarro para despejar a água sobre o corpo, sem poder contar com sabão ou xampu para completar a limpeza, pois ambos não existiam ainda (leia o quadro *Paraíso dos piolhos*).

Na hora em que vinha a vontade de fazer xixi ou cocô, as pessoas, em casa, utilizavam penicos. Nas ruas, não tinham pudor: homens e mulheres faziam suas necessidades aos olhos de todos. Aliás, as famílias contavam com escravos – apelidados de tigres – que tinham a missão de descartar o conteúdo dos penicos e, também, outros dejetos das casas. E toda essa sujeira era jogada nas próprias ruas ou em rios próximos! E isso a qualquer hora do dia, pois somente depois da independência do Brasil – em 1822 –, foi estabelecido que essa atividade só poderia ser feita à noite (leia os quadros *Sem torcer o nariz* e *Os tigres*).

Um Brasil multicolorido

Quem andasse pelas ruas do Brasil colônia, porém, não teria a oportunidade de encontrar somente muito xixi e cocô em seu caminho. Com certeza, essa pessoa também observaria o colorido das casas. Amarelo, azul, verde... Eram muitas as tonalidades utilizadas, resultado da influência da África e da Ásia, dois continentes com os quais o Brasil colonial comercializava. Hoje, por exemplo, podemos ter uma idéia desse colorido do passado ao visitar lugares como o Pelourinho, em Salvador, na Bahia. Depois de ser reformado há alguns anos, suas casas passaram a exibir as cores originais.

Esse colorido das residências brasileiras, porém, começou a ser substituído por cores mais neutras e escuras – como o cinza e os tons pastéis – a partir da chegada da Família Real ao Brasil. Nas roupas, porém, ele continuou presente. Aliás, você sabia que as pessoas, por volta de 1808, costumavam ter uma única muda de roupa, utilizada no dia-a-dia, que não costumava ser lavada, para não estragar? Pois é. Da

Sem torcer o nariz

Tanta sujeira nas ruas era tolerada, de certa forma, porque não existia ainda a noção de higiene: a idéia de que manter limpos o ambiente em que se vive e o nosso próprio corpo é importante para evitar a proliferação de organismos – microscópicos ou não – que possam causar doenças.

Reprodução de *Jovens da elite*, Jean Baptiste Debret.

Repare que todas as jovens da elite retratadas nesta pintura têm adereços na cabeça.

Reprodução de *Castigo imposto aos negros* (detalhe), Jean Baptiste Debret.

Os tigres

Eles levavam grandes tonéis, cheios de urina, fezes e outros dejetos, das casas para lançar nas ruas ou nos rios. Os escravos que tinham esta função eram chamados assim porque, durante o trajeto que cumpriam, parte da carga que levavam costumava cair sobre o seu corpo e, com o tempo, sua pele negra ganhava listras brancas. Eles não podiam imaginar, mas isso acontecia por causa da ação de compostos químicos como a uréia, presente na urina que enchia os tonéis.

mesma forma, quem podia tinha um traje para usar em ocasiões especiais, mas ele também era único e não via água com muita freqüência, não. Tudo porque vestir-se, na época, era algo caro: precisava-se contratar uma costureira ou um alfaiate para fazer os trajes, e os tecidos vinham de lugares, como a Índia e a África.

Se as roupas eram poucas, porém, o mesmo não se pode dizer dos adereços. Eles eram feitos de ouro, osso, latão e até os mais pobres ou os escravos os utilizavam. Mais do que embelezar, porém, eles tinham também o papel de marcar o lugar de cada indivíduo dentro da sociedade. Na época da chegada da Família Real ao Brasil, por exemplo, todas as pessoas – mesmo os escravos – pertenciam a uma irmandade, isto é, a uma associação religiosa. Algumas delas adotavam como símbolos determinadas pedras, por estarem ligadas a algum santo, por exemplo. Então, quando alguém as utilizava como adereço – em um colar, por exemplo –, era possível saber a que associação o indivíduo pertencia.

Acho que deu para perceber como, a partir de pequenos detalhes do cotidiano, a gente pode aprender muito sobre uma sociedade!

Sheila de Castro Faria,
Departamento de História,
Universidade Federal Fluminense.

Por que D. João VI tinha fama de guloso?

"Nós temos um rei/ Chamado João/ Faz o que lhe mandam/ Come o que lhe dão/ E vai para Mafra /Cantar o cantochão." Esses versos, de autor desconhecido, foram feitos no século 19 para o Rei D. João VI, que veio para o Brasil com toda a Família Real, em 1808. Sua fama, como você já deve ter percebido pelas rimas, era de guloso. Mas será que o monarca era mesmo comilão?

Não há dados históricos que permitam total certeza da fama de "boa mesa" do rei, mas, segundo alguns historiadores, juntando uma informação aqui e outra acolá, há indícios de D. João VI realmente comia um bocado.

O historiador português Joaquim Pedro de Oliveira Martins – que viveu entre 1845 e 1894, e escreveu livros sobre a história de Portugal e do Brasil – foi quem começou a construir em seus textos a imagem de D. João VI como rei não só guloso, mas, também, medroso.

Guloso ou não, o certo é que depois da chegada de D. João VI e sua corte ao Brasil a história do país sofreu grandes mudanças, nem sempre boas, mas... Passaram a vir muitos produtos da Europa para cá, assim como muitas de nossas riquezas também foram enviadas para lá. Mais homens, mulheres e crianças foram trazidos da África para trabalhar como escravos em nossas terras, houve a criação do Jardim Botânico, da Biblioteca Nacional, enfim.

Muitos dos acontecimentos posteriores à vinda do rei e de sua família conduziram o Brasil à independência. Portanto, tenha sido ele guloso ou não, medroso ou não, o fato é que D. João VI deve ser lembrado, sim, como um monarca que marcou para sempre e profundamente a nossa história.

Keila Grinberg,
Departamento de História,
UNIRIO.

Ilustração Mario Bag

A rainha vai ao tribu

1. Ordem no tribunal!

Divida os participantes em testemunhas, promotores, defensores, jurados e um juiz. Quem ficar com o papel de testemunha deve apresentar os depoimentos a seguir, abusando de seu lado teatral. Os promotores, por sua vez, devem atuar como advogados de acusação: sustentar que D. Maria I era louca. Já os defensores precisam mostrar o contrário. O juiz conduz o julgamento: convoca as testemunhas, define o momento em que a defesa e a acusação poderão falar, controla a reação da platéia etc. Por fim, o júri dá seu veredicto, após ouvir os advogados.

2. Que entrem as testemunhas!

"Infelizmente, para Portugal, tocava a coroa uma pobre senhora, de todo incapaz para o exercício da soberania. Dona Maria I não só era uma criatura muito dada à piedade: também era muito delicada e sensível, profundamente amorosa, de uma docilidade e timidez de criança, parecia mais talhada para a vida do lar, ou para o silêncio dos conventos, do que para a fadiga dos altos negócios do governo. Fora da família, só se sentia bem nas igrejas."
(Rocha Pombo, historiador, em 1915)

"D. Maria juntava, às mais belas qualidades, muita instrução e juízo."
(Anônimo, 1827)

"A rainha chegou ao cais, para a viagem rumo ao Brasil, a galope. 'Mais devagar!', gritava ao cocheiro; 'dirão que fugimos!'. Mostrava a sua loucura com juízos brados de desespero, altos gritos de raiva, a boca cheia de espuma. O protesto da louca era o único vislumbre de vida. O brio, a força, a dignidade portuguesa acabavam assim nos lábios de uma rainha doida!"
(Oliveira Martins, historiador, em 1879)

"... não menores eram as demonstrações que os moradores do Rio de Janeiro davam, não só de prazer, mas também de ufania, por terem a honra de receber na sua cidade e gozar da real presença de uma soberana como a senhora rainha D. Maria I, cujo nome, apenas pronunciado, excitava, nos corações, ternos e gratos afetos de respeito, veneração e amor, recordando-se todos que esta real senhora fora sempre o mais completo exemplo de todas as virtudes..."
(Luiz Gonçalves dos Santos, 1820)

"Parece nascida para mandar, mas, ao mesmo tempo, para fazer a sua autoridade mais querida que temida."
(William Beckford, viajante inglês, 1787)

nal

D. Maria I, rainha de Portugal, era realmente louca? Na época em que ela viveu, os médicos a qualificavam desta forma, mas você concorda? Reúna a sua turma e dividam-se em testemunhas, advogados, juízes e jurados para montar um tribunal que analisará diversos depoimentos sobre essa monarca, para chegar a uma conclusão: dizer se D. Maria tinha mesmo problemas psíquicos ou não. Pronto para participar? Então, senhoras e senhores, atenção que o julgamento vai começar!

"D. Maria subiu ao trono em 1777. Não sabia, porém, o que fazia. Nunca soube. A rainha melancólica passeava como uma sonâmbula, o pensamento na salvação de sua alma, os olhos no pó das salas, fazendo preces, seguida do confessor."
(Luiz Edmundo, cronista, em 1937)

"Deformada pela calúnia, pesa sobre o reinado de D. Maria I um descrédito, que é preciso desfazer. Verificou-se então um extraordinário desenvolvimento científico no nosso país, sem falar nos empreendimentos realizados nos outros ramos do serviço público."
(Caetano Beirão, historiador, em 1933)

"D. Maria I, essa viu-se doida e fugitiva. Aquela mulher viu-se nas trevas da loucura que foram fatais a ela e a Portugal."
(J. P. Franco Monteiro, em 1893)

"Respeita V. Majestade a Igreja, sem perder os direitos de soberana."
(D. Miguel Lúcio de Portugal e Castro, em 1778)

3. Que fale a ré!

"Tomo os banhos porque me disseram que serão úteis para mim, apesar de não ter uma doença que me obrigue a usar esse remédio. É só para me fortalecer mais."
(D. Maria I)

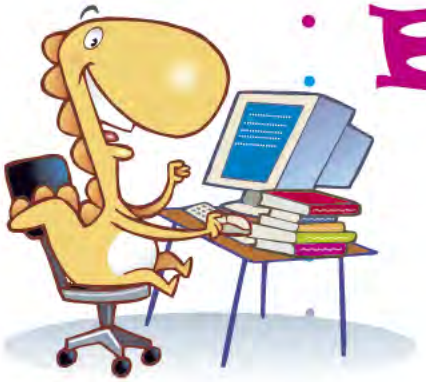
"Tivemos bastante chuva com uma grande trovoada, de que não gosto muito, ainda que não sou das mais medrosas."
(D. Maria I)

Ilustração Cruz

4. Brincar de investigar

D. Maria I era louca? Sã? Impossível determinar, por falta de provas? Você e seus amigos devem tentar responder a essas questões, com base nos testemunhos. Mas o mais legal é saber que, com essa brincadeira, vocês vão experimentar um pouco do gostinho de ser historiador. Isso porque, esse profissional, na tentativa de explicar os fatos do passado, precisa utilizar diferentes tipos de informações sobre um mesmo acontecimento ou uma mesma pessoa. Dados que, muitas vezes, são contraditórios. Daí porque os historiadores analisam de forma bastante crítica as informações que têm à mão, algo que você e seus amigos podem fazer, ao se perguntar: os testemunhos são confiáveis? Será que as pessoas que falaram sobre D. Maria tinham algum interesse em vê-la definida como louca ou como sã? Se quiser, você pode ir além e buscar esse tipo de informação em livros ou na Internet. Seja qual o caminho que escolher, porém, tenha certeza: esse julgamento vai dar o que falar!

A Redação.
Com base em atividade proposta no livro *Oficinas de história*, da Editora Dimensão.



BATE-PAPO

Penas no papel

Pode parecer fácil desenhar um pássaro. Primeiro, você faz o corpo; depois, desenha a cabeça, o bico, as penas... Mas que tal usar a criatividade e imaginar milhares de pássaros coloridos e diferentes? Com este livro, as regras de desenho ficam mais divertidas, pois são contadas por meio de rimas! Portanto, lápis de cor na mão e mãos à obra para desenhar um lindo passarinho!

Como desenhar um pássaro. *Texto e ilustrações de Sebastião das Nuvens. Editora Dubolsinho.*

A arte de escrever poemas

Escrever poemas é brincar com as palavras e experimentar diferentes emoções. Os versos podem aparecer a qualquer momento, quando a gente menos espera. Com este livro, você, leitor, não só lerá belos poemas, mas, também, está convidado a escrever seus próprios versinhos nos espaços em branco.

30 poemas para ler, 20 para escrever. *Texto de Eduardo Rodrigues. Seleção de poemas de Silvia Oberg. Ilustrações de Diogo Pace. Editora Alaúde.*

As cores de Virgínia

Quem não se encanta com uma menina que tem as cores do arco-íris? Muito desajeitada, Virgínia caiu com roupa e tudo dentro de uma xícara de leite. Dentro do mundo da imaginação, a menina colore tudo o que é branco com seus cabelos cor do Sol, olhos de andorinha, laço de esmeralda e beijo cor de maçã.

A menina arco-íris. *Texto e ilustrações de Marina Colasanti. Editora Global.*

Som que batuca no peito

Desde criança, Heitor Villa-Lobos já ouvia música em todos os sons: riachos, aves e... Até no coração! Quem já teve a oportunidade de ver no teatro a peça sobre o famoso compositor brasileiro sabe que esta é uma grande história musical. Quem não viu tem a chance de conhecer a vida deste grande músico pela literatura.

Tuhu, o menino Villa-Lobos. *Texto de Karen Acioly. Editora Rocco.*

Feitiço do bem

Nesta fábula familiar que mistura sonho e realidade, a Bruxa Boa Lilibeth está morando em um novo apartamento, com um terraço enorme onde sua netinha Tatinha adora brincar. Mas as Bruxas Más não querem deixar Lilibeth em paz. Elas são capazes de destruir a linda jabuticabeira da vovó e, até mesmo, seqüestrar os filhotes de passarinhos. Com a ajuda de Tatinha, a Bruxa Boa vai ensinar uma verdadeira lição para as malvadas!

A volta da Bruxa Boa. *Texto de Lya Luft. Ilustrações de Susana Luft. Editora Galerinha Record.*

Uma amiga para sempre

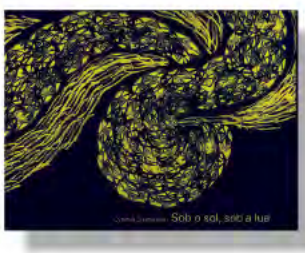
Deco adorava brincar no quintal e de conversar com as árvores. Mas queria um irmãozinho, alguém que lhe fizesse companhia quando ele se sentisse sozinho. Deco, porém, teve uma surpresa: ganhou uma irmãzinha. E agora? Quem vai brincar com ele de luta de espada e jogar futebol? Só lendo para descobrir o que vai dar dessa grande amizade.

Meninas, bah! *Texto e ilustrações de Silvana de Menezes. Editora Lê.*

Baú cheio de poemas

Tem o poema da centopéia, da gaivota, do besouro, até do sabonete que casou com a saboneta, veja só! Como na nossa imaginação tudo é possível, este livro vai rechear a sua mente com boas idéias. Se tentar, dá até para sentir o cheiro do mato e ouvir o barulho do mar enquanto passeamos pelas páginas!

Rãzinha cantora e outros poemas. *Texto de Regina Chamlian. Ilustrações de Helena Alexandrino. Editora Paulinas.*

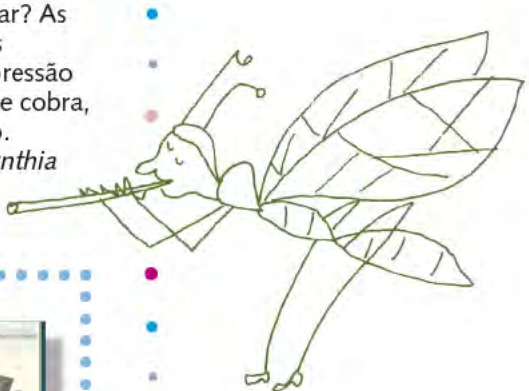


Formas e encontros

A cobra ama o Sol e o lobo, a Lua. À tardinha, quando o Sol desce e a Lua sobe, os dois animais vão se encontrar. Será que eles vão brigar? Ou se abraçar? As imagens desse encontro são feitas com carimbos parecidos com a xilogravura, uma técnica de impressão com tinta em madeira. O mais interessante é que cobra, Sol, Lua e lobo são feitos com o mesmo carimbo.

Sob o Sol, sob a Lua. *Texto e ilustrações de Cynthia Cruttenden. Editora Cosacnaify.*

Ilustrações Helena Alexandrino/Reprodução



NA REDE

Natureza encolhida

Quer ver uma asa de mariposa reduzida a uma escala de até 70 mil vezes e ainda aproveitar para se divertir montando um quebra-cabeça? Então, você não pode deixar de visitar esta página na Internet, que apresenta diversas imagens interessantes reduzidas a escalas nanométricas. São fotografias de pólen, pulga, ácaro e muito mais. Todas com detalhes para quem quer aprender o máximo sobre a nanotecnologia! Há, ainda, uma competição com direito a prêmios para quem conseguir montar o quebra-cabeça em menos tempo.

http://www.cmdmc.com.br/quebra-cabeca.

Pequenos deputados

Política é um assunto complicado, de gente grande, certo? Errado! No *site* da Câmara dos Deputados, as crianças têm um espaço especial. Podem aprender sobre o Plenário, as leis e, ainda, se divertir com os jogos, encontrar dicas de leitura, ecologia, saúde e matérias interessantes para ajudar nas pesquisas da escola. É ou não é uma ótima maneira de exercer sua cidadania?

http://www.plenarinho.gov.br/

Juliana Marques, *Instituto Ciência Hoje/RJ.*

Quando crescer, vou ser... natura

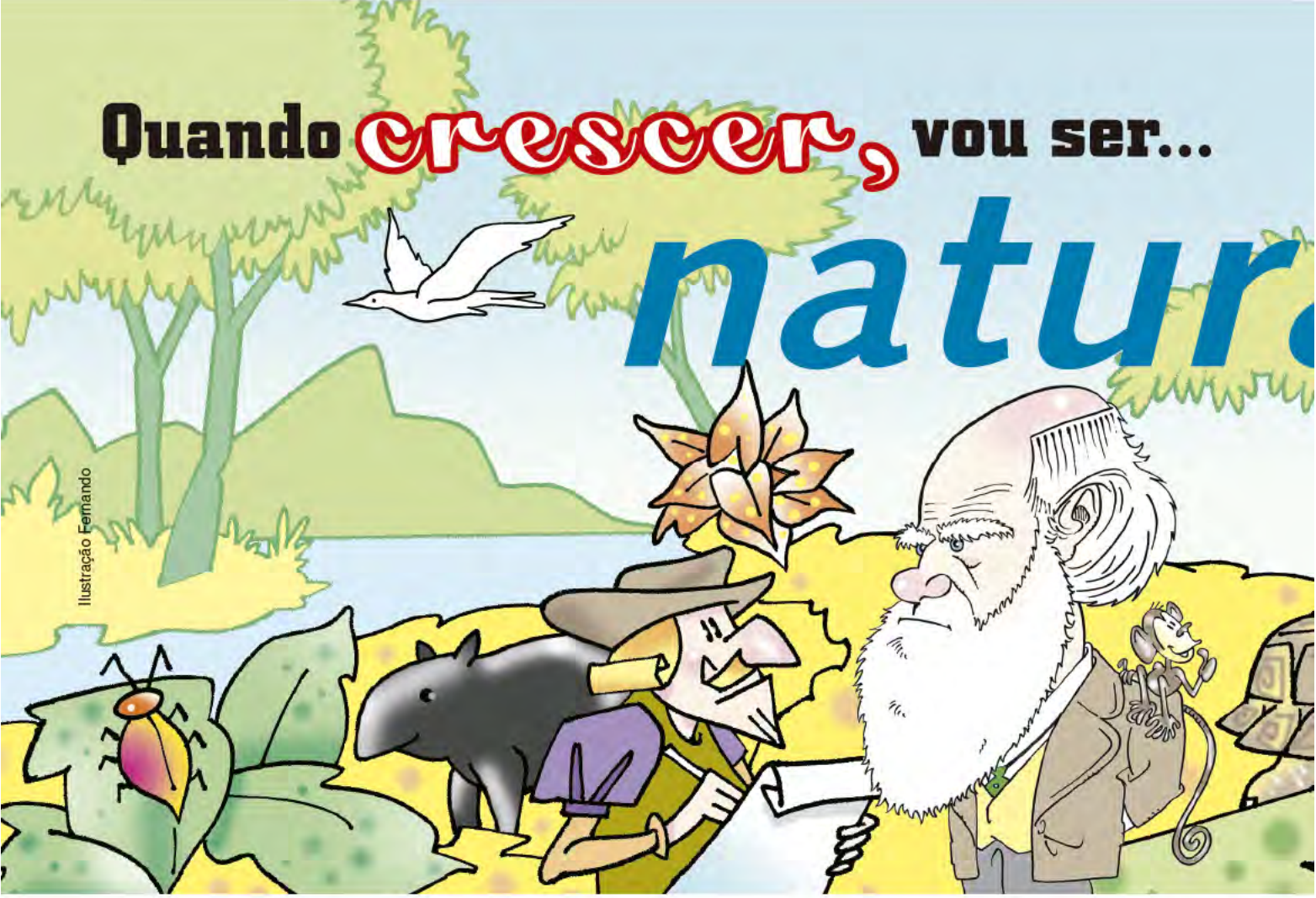


Ilustração Fernando

Imagine-se passeando por uma enorme floresta habitada por pássaros, insetos e plantas que ninguém nunca viu – ou, se viu, não fez qualquer registro. Ao se dar conta disso, você resolve descrever o que vê em desenhos e em palavras, relatando tudo nos mínimos detalhes. Esse trabalho minucioso foi a ocupação de algumas pessoas no tempo das grandes viagens em torno do mundo, quando os últimos territórios desconhecidos foram mapeados. O registro da natureza intocável era atividade dos naturalistas, uma especialidade da ciência bem abrangente e que deixou de existir. Mas como este especial da *CHC* homenageia o começo do século 19, achamos que seria interessante falar de uma profissão como esta, ainda bastante respeitada naquela época.

Para ser um bom naturalista não bastava ser craque em biologia, era preciso ser, também, filósofo da ciência e geólogo. Isso significa que, além de observar e registrar o mundo à sua volta, esse profissional também levava em conta a importância das descobertas científicas para o ser humano e pensava como esses descobrimentos se relacionavam com a natureza. Para os naturalistas, tudo o que somos e fazemos estava conectado com o resto do mundo.

A história natural nasceu na Grécia Antiga, mas ganhou maior importância quando o colonialismo europeu começou a desbravar o mundo, a partir do século 15. Os europeus estavam partindo para continentes como a África e as Américas, revolucionando a ciência e a cultura por onde passavam. No século 18, a bordo dos navios que aportavam em terras desconhecidas havia quase sempre um naturalista, além de pesquisadores nas áreas mais diversas.

Muitos naturalistas vieram ao Brasil depois que D. João autorizou expedições científicas estrangeiras pela colônia. O mais famoso deles foi o inglês Charles Darwin, que esteve em nossas terras em 1832, quando o país já havia até conquistado a sua independência.

Os historiadores da ciência dos dias de hoje são as pessoas que nos revelam esses detalhes do passado. A professora Lorelai Kury, pesquisadora e professora da Casa de Oswaldo Cruz, por exemplo, conta que os naturalistas geralmente faziam faculdade de filosofia natural ou de medicina para conhecer teoria. Mas era na

prática, indo a campo, que aprendiam a lidar com os seres vivos e demais objetos da natureza. "Coletavam, descreviam e classificavam as espécies que encontravam", define a professora e explica que os que não sabiam desenhar contavam com artistas especializados em História Natural, que retratavam as espécies com exatidão, quase como numa foto.

Era enfrentando a correnteza de rios e quilômetros de caminhadas pelas florestas que os naturalistas descobriam os seres vivos mais diferentes. Anita Correia Lima, professora de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, diz que os naturalistas eram apaixonados pelo que faziam e seus conhecimentos cobriam inúmeras áreas da ciência, não só a biologia como muitos pensam. "Imagino que a rotina da profissão era uma dureza. O naturalista lidava com muitos assuntos, ainda coletava plantas, animais e rochas." E a curiosidade não parava por aí. Como os naturalistas tinham a vocação de exploradores, eles acabavam se interessando por tudo, até mesmo pelas sociedades. "Muito do que se conhece hoje sobre a vida no Brasil no século 19 está nas obras dos naturalistas, que chamavam a atenção para os costumes locais, os índios, a língua e, até mesmo, a escravidão", diz Anita.

Depois de coletar as amostras, os naturalistas tinham a importante tarefa de conservar as espécies. Lorelai explica que os animais pequenos, como insetos, eram espetados em alfinetes, enquanto outros ficavam conservados em jarros com álcool. "As plantas eram secas e prensadas em uma folha de papel para formar um herbário, uma coleção de vegetais", explica a professora.

Observar os mais distintos ecossistemas requer muita curiosidade e sensibilidade. Os grandes naturalistas com certeza eram assim. Mas esta profissão de conhecimentos tão amplos ficou para trás. Com o passar do tempo e com o grande aumento no volume de conhecimento, as atribuições desses profissionais foram segmentadas em áreas de estudos diversas, como biologia, medicina, história, filosofia...

Juliana Marques,
Instituto Ciência Hoje/RJ.

Desafios luso-brasileiros

Foi uma longa viagem de Portugal até o Brasil, mas, finalmente, no dia 8 de março de 1808, a Família Real portuguesa desembarcou por aqui. Passaram quase três meses cercados de águas por todos os lados, enfrentando tempestades, doenças, muito calor e até comida contaminada! Mas os desafios em alto-mar foram só os primeiros. Ao colocar os pés em terra firme, a Corte teve outras tarefas a cumprir! Vamos, então, ajudá-los a elevar o Brasil Colônia à categoria de Reino Unido de Portugal?

Carta Manchada

Logo que chegou ao Brasil, uma das primeiras medidas do Príncipe Regente D. João VI foi assinar a Carta Régia, um documento que oficializou a abertura dos portos brasileiros para países como a Inglaterra, com quem Portugal comercializava muitos produtos. Porém, sem querer, D. João VI manchou algumas palavras de um trecho da carta com tinta. E agora? Será que você consegue descobrir quais são as palavras que estão faltando na carta? Ainda bem que o príncipe deixou pistas e algumas letrinhas...

1 – República Federativa formada por 26 estados e pelo Distrito Federal. Ao norte, faz fronteira com a Venezuela, e, ao sul, com o Uruguai. É o maior país da América Latina.
2 – Produto que pode ser comprado ou vendido, e comercializado por terra, mar ou ar. (Plural)
3 – Embarcação de grande porte, podendo ser de guerra ou mercante. Um de seus coletivos é esquadra. Não se movimenta, se não estiver sob as águas. (Plural)
4 – Ornamento usado na cabeça de reis e rainhas. É um dos símbolos de poder da monarquia, feito de metal e pedras preciosas. (Plural)

Agitando as Bandeiras

A bandeira brasileira que conhecemos hoje demorou bastante tempo para ser finalmente hasteada por todo país. Antes de chegar ao retângulo verde, losango amarelo e círculo azul estrelado, o símbolo nacional teve vários desenhos diferentes. Muitas vezes, foram semelhantes à bandeira portuguesa.
As bandeiras mudavam tanto, que quando D. João VI pediu para seu filho D. Pedro I hastear a bandeira do **Reino Unido de Portugal Brasil e Algarves**, ele não sabia qual escolher! Vamos ajudá-lo na escolha da bandeira correta? Para descobrir, é só seguir corretamente as pistas do Príncipe Regente...

Ilustração Marcello Araújo

1

2

3

4

5

6

A bandeira do **Reino Unido de Portugal Brasil e Algarves...**

1. Apresenta a cor amarela.
2. Ela não apresenta duas formas geométricas iguais.
3. Não é a bandeira que tem estrelas.
4. Apresenta um círculo.
5. Possui um dos símbolos da monarquia.
6. Não é a bandeira com o um losango amarelo.
7. Possui o brasão semelhante ao da bandeira de Portugal.

Banquete Real

A Família Real chegou por aqui com o estômago roncando! Todos queriam logo desembarcar para fazer a primeira refeição em terras brasileiras. No cardápio, uma sopa de legumes e letrinhas bem gostosa para toda a Corte!
Encontre, neste delicioso prato da realeza, os nomes de alguns dos lugares que D. João VI mandou criar quando veio para o Brasil:

Jardim Botânico
Escola de Medicina
Banco do Brasil
Biblioteca Real
Imprensa Régia

Respostas: **Carta Manchada**: *1 – Brasil; 2 – Mercadorias; 3 – Navios; 4 – Coroa.* **Agitando Bandeiras**: *Bandeira nº 2.*

Como funciona o astrolábio?

A viagem de navio da Família Real portuguesa para o Brasil certamente contou com a condução de um experiente capitão. Mas como alguém naquele tempo (e até antes!) podia saber se estava navegando na rota correta, no meio do oceano, longe de qualquer referência na paisagem, como uma montanha?

Este problema foi estudado pelos gregos na Antiguidade, que observavam os objetos que mais bem poderiam ser utilizados como referências em alto-mar: o Sol e as estrelas. Para isso, eles criaram o astrolábio náutico.

Com a expansão marítima – as viagens para conquistar novos territórios –, esse instrumento –, mais elaborado pelos europeus –, foi utilizado pelos condutores das grandes embarcações, como as naus e caravelas que cruzaram o oceano e chegaram ao Brasil.

O astrolábio náutico era formado por um disco de latão. Em sua borda existia um contorno graduado – como nos transferidores que usamos nas aulas de matemática e desenho – e no meio do círculo, uma mediclina, algo semelhante a um ponteiro, que girava em torno do centro da roda e no qual existiam furos pelos quais entrava a luz do Sol.

Para o bom funcionamento do astrolábio náutico, a posição no mar era calculada a partir da medida da altura em que o Sol – ou uma estrela – se encontrava. Por exemplo: olhando pelo buraco do ponteiro à noite media-se o ângulo entre o plano horizontal e a linha entre o observador e a estrela. Era preciso, também, consultar uma tabela astronômica para verificar a variação desse ângulo a cada dia do ano. Só assim, era possível determinar a latitude, isto é, de quanto o navio estava afastado do Equador. Para saber o quanto havia se deslocado no sentido leste-oeste, era necessário, ainda, medir a distância percorrida, sabendo antes a velocidade do navio.

Gráfico Nato Gomes

Não parecia ser uma tarefa muito fácil. Logo, astrolábios modernos surgiram e foram utilizados pelos grandes navegadores. Eram instrumentos mais completos, que permitiam, também, medir as distâncias com precisão, sem a necessidade de consultar qualquer tabela. Assim, conquistar grandes distâncias mar adentro se tornou mais fácil.

Alberto Passos Guimarães,
Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas.

Cartas

AGRADECIMENTOS

Somos alunos da Escola Nossa Senhora da Conceição. Gostamos muito de ler as informações publicadas na *CHC*. Adoramos ler sobre bichos. Aqui na nossa escola estamos desenvolvendo um projeto sobre meio ambiente. A *CHC* ajuda muito nesse trabalho. Por isso, gostamos tanto de ler, nos informar e nos divertir com as notícias que encontramos na revista. Portanto, não poderíamos deixar de agradecer muito essa turma que tanto nos ajuda a crescer mesmo que a distância. Com carinho...

Alunos da 2ª a 4ª séries da Escola Municipal Nossa Senhora da Conceição. Fazenda Boa Vista, Monte Santo/BA.

A equipe da CHC *é que agradece todo esse carinho.*

PRÉ-HISTÓRIA PERNAMBUCANA

Oi! É a primeira vez que estou escrevendo. Eu gosto muito da revista. Sempre leio na biblioteca da escola. Eu queria que vocês publicassem um artigo sobre Pernambuco na Pré-História e seus principais dinossauros.

Cláudia Carolina Veloso Ferreira. Poção/PE.

Que proposta curiosa, Cláudia! Vamos averiguar...

ASTRONAUTAS

Olá, turma da *CHC*. É a primeira vez que escrevo e quero dizer que adoro a revista. Estou mandando um grande abraço para os mascotes e toda a turma da *CHC*. Adorei os textos sobre futebol, publicados na *CHC* 169. Gostaria que publicassem alguns textos sobre astronautas. Minha escola recebe a revista, então, eu levo para casa, leio

e devolvo. Gostaria que publicassem meu endereço para que outros leitores possam escrever para mim. Tchau!!
Vagner Maurício Queiroz da Costa, Sítio Roça Velha, 58530-000, Camalaú/PB.

Publicamos uma matéria sobre astronautas na CHC *123, Vagner. Pesquise na biblioteca da sua escola.*

PARA REX, DINÁ E ZÍPER

Oi, turma da *CHC*. É a primeira vez que escrevo para vocês. Gosto muito da *CHC*. A primeira revista que eu li foi a especial sobre Santos Dumont, a *CHC* 172. Eu adoraria que vocês me colocassem na página de cartas, gostaria que Rex, Diná e Zíper mandassem cartas para mim. Galera do Brasil, escreva para mim. Quero fazer novos amigos, eu quero que vocês da *CHC* escrevam sobre a poluição do nosso planeta.
Marta dos Santos França. Rua Miranda, 411, 65750-000, Esperantinópolis/MA.

Olha aí a sua carta e o seu desenho publicados, Marta. Rex, Diná e Zíper mandam beijos, abraços e desejam sorte com a correspondência!

PSICÓLOGO

Oi, *CHC*! Queria parabenizar a revista, pois ela é muito divertida e interessante, e sugerir que publiquem uma matéria sobre a profissão de psicólogo. Gostaria que publicassem o meu endereço, pois adoro fazer amigos. Quero me corresponder com outras pessoas. Beijos!
Emília Vizitação. Rua Gildásio Souza, 401, Centro, 44642-000, Nova Fátima/BA.

Boa sugestão, Emília. Beijos agradecidos!

NATURALISTA? É PRA JÁ!

Oi! Em primeiro lugar quero dizer o quanto gosto da revista *CHC*. Eu devo ter umas 70, elas são muito boas, principalmente, as matérias. O tema de que eu mais gosto é o "Quando crescer, vou ser...", sempre fico pensando em qual dessas profissões eu vou seguir no futuro. Gostaria que publicassem um "Quando crescer, vou ser naturalista".
Bruno Nata Vilaça da Silva. Bragança Paulista/SP.

Que sorte, Bruno! Você já viu a profissão que veio publicada nesta revista?!

CICLONES E TORNADOS

Olá, pessoal da *CHC*! Tenho 10 anos e essa é a primeira vez que escrevo para vocês. Vocês são 10! Eu tenho uma sugestão: gostaria que publicassem sobre ciclones e tornados. Abraços!
Danilo R. Guimarães. Brejo Bonito/MG.

Publicamos uma matéria sobre tufões, furacões e ciclones na CHC *124, Danilo. Confira!*

MAMÃE QUER SABER

Tenho nove anos e sou fã da revista. Minha mãe também curte muito a *CHC*. Ela gostaria de saber mais sobre o forno de microondas, sobre ondas eletromagnéticas e qual o modo seguro de utilizar este eletrodoméstico. Obrigada!
Giovana Viegas Barbosa. João Pessoa/PB.

Giovana, mostre a CHC *186 para a sua mãe. Está lá o microondas!*

ERRATA

Ao contrário do que foi publicado na atividade "Como construir um relógio de Sol?" (*CHC* 187), 24 horas é o tempo que a Terra leva para girar em torno do seu próprio eixo e não para que o Sol dê uma volta em torno do nosso planeta. Na mesma edição, no texto "Quando crescer, vou ser sistemata", outra correção: a Universidade Federal de Viçosa fica em Minas Gerais e não no Rio de Janeiro.

O INSTITUTO CIÊNCIA HOJE é uma organização social de interesse público da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e tem sob sua responsabilidade as seguintes publicações de divulgação científica: revistas *Ciência Hoje* e *Ciência Hoje das Crianças*, *CH on-line* (Internet) e *Ciência Hoje na Escola* (volumes temáticos).
Diretor Presidente: Renato Lessa (IUPERJ).
Diretores Adjuntos: Alberto Passos Guimarães Filho (CBPF), Franklin Rumjanek (Instituto de Ciências Biomédicas/UFRJ), Maria Lúcia Maciel (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/UFRJ) e Roberto Lent (Instituto de Ciências Biomédicas/UFRJ).
Superintendente Executiva: Elisabete Pinto Guedes. **Superintendente Financeira:** Lindalva Gurfield.
Superintendente de Projetos Estratégicos: Fernando Szklo.

Revista *Ciência Hoje das Crianças*
ISSN 0103-2054
Publicação mensal do Instituto Ciência Hoje, nº 190, maio de 2008, Ano 21.
Editores Científicos: Débora Foguel (Bioquímica/UFRJ), Maria Alice Rezende de Carvalho (IUPERJ), Marcia Stein (Instituto Ciência Hoje), Martín Makler (Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas), Salvatore Siciliano (Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz) e Jean Remy (Biofísica/UFRJ).
Redação: Bianca Encarnação (editora executiva); Mara Figueira (coordenadora de reportagem), Cathia Abreu e Juliana Marques (reportagem).
Arte: Walter Vasconcelos (coordenação) e Luiza Merege (programação visual).
Colaboraram neste número: Gisele Sampaio (revisão). Mario Bag (capa), César Lobo, Cruz, Fernando, Ivan Zigg, Lula, Marcello Araújo, Mariana Massarani, Nato Gomes e Paula Delecave (ilustração).
Assinaturas (11 números) – Brasil: R$ 66,00. Exterior: US$ 65,00.
Impressão: Ediouro Gráfica e Editora Ltda.
Distribuição em bancas: Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.

INSTITUTO CIÊNCIA HOJE
Endereço: Av. Venceslau Brás, 71, fundos, casa 27, CEP 22290-140, Rio de Janeiro/RJ. Tel.: (21) 2109-8999. Fax: (21) 2541-5342. E-mail: chc@cienciahoje.org.br
CH on-line: www.ciencia.org.br
Atendimento ao assinante: amarques@cienciahoje.org.br/0800 727-8999
Assinatura: Andreia Marques.
Produção: Maria Elisa da C. Santos e Irani Fuentes de Araújo.
Circulação: Adalgisa Bahri.
Superintendência Comercial e de Projetos Educacionais: Ricardo Madeira.
Publicidade: Sandra Soares. **Projetos Educacionais:** Clarissa Akemi. Rua Berta, 60, Vila Mariana, 04120-040, São Paulo/SP. Telefax: (11) 3539-2000. E-mail: chsp@uol.com.br
Sucursal: *Sul* – Roberto Barros de Carvalho, tel. (41) 3313-2038, e-mail: chsul@ufpr.br.
Neste número, *Ciência Hoje das Crianças* contou com a colaboração do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), do Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

TA, TE, TI, TO, TU

Eu já não sou ignorante,
Sei o ba, be, bi, bo, bu.
Meu coração palpitante
Ao pé do terno pastor
Quando se fala d'amor
Já faz ta, te, ti, to, tu.

Na escola do Deus Cupido
Li o ba, be, bi, bo, bu.
Meu coração entretido
No seu rosto encantador.

A cada acento de amor
Tinha um ta, te, ti, to, tu.
Depois que eu já bem sabia
O meu ba, be, bi, bo, bu,
Cartinhas de fora eu lia
Onde soletrava amor
E eu sentia um tal ardor
Como ta, te, ti, to, tu.

Ilustração Paula Delecave

A modinha foi um estilo musical romântico de muito sucesso no Brasil do século 19. O ritmo lembra o chorinho e as serenatas de hoje. Estas divertidas rimas são de autor desconhecido.